

## A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Cláudia dos Santos Nascimento Gomes<sup>1</sup>**

**Maria Eliane da Costa Limmer<sup>2</sup>**

**Flávia Silva Gomes Valgôde<sup>3</sup>**

**Hiviny de Ataídes Raquel<sup>4</sup>**

**André Luiz Gonçalves Rojas<sup>5</sup>**

**Resumo:** Este artigo trata da Educação Linguística como tema geral, englobando os saberes pedagógicos e os saberes linguísticos envolvidos nesse processo educativo, focalizando a diferença entre o saber científico, o saber a ensinar e o saber ensinado. Assim, a EL, como proposta neste trabalho, articula aspectos pedagógicos e aspectos linguísticos. Quanto aos aspectos pedagógicos, apresentamos temas e conceitos desenvolvidos pela Educação Matemática<sup>6</sup>, pois os enfoques dados por essa área de conhecimento contribuem para a divulgação de ideias e particularidades sobre o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que estruturaram um sólido referencial teórico para as pesquisas em Educação Linguística. São apresentados temas e conceitos tais como transposição didática, contrato didático, noção de obstáculos epistemológicos, noção de situação didática, de registros e representação, a teoria dos campos conceituais e de engenharia didática. Além disso, focalizamos particularidades sobre a EL amparadas em renomados autores que discutem ensino aprendizagem e Língua Portuguesa. Esses autores pautam-se em ideias

---

<sup>1</sup> Coordenadora dos cursos de Letras e Pedagogia do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON.

<sup>2</sup> Docente do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON

<sup>3</sup> Docente do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON

<sup>4</sup> Docente do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON

<sup>5</sup> Coordenador do curso de Administração do Centro Universitário Don Domênico

<sup>6</sup> Educação Matemática termo utilizado na obra Educação Matemática: uma introdução, de Sílvia Dias Alcântara Machado et ali.



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

que têm sido cada vez mais utilizadas em pesquisas que dizem respeito à aquisição e à organização em situações de aprendizagem de língua materna.

**Palavras-chave** – Educação Linguística, ensino-aprendizagem, Língua Portuguesa

**Abstract:** This article deals with Linguistic Education as a general topic, encompassing the pedagogical knowledge and linguistic knowledge involved in this educational process, focusing on the difference between scientific knowledge, knowledge to teach and knowledge taught. Thus, EL, as proposed in this work, articulates pedagogical aspects and linguistic aspects. As for the pedagogical aspects, we present themes and concepts developed by Mathematics Education, as the approaches given by this area of knowledge contribute to the dissemination of ideas and particularities about the teaching of the Portuguese Language, as they have structured a solid theoretical framework for research in Linguistic Education. Themes and concepts are presented such as didactic transposition, didactic contract, notion of epistemological obstacles, notion of didactic situation, records and representation, the theory of conceptual fields and didactic engineering. Furthermore, we focus on particularities about EL based on renowned authors who discuss teaching, learning and the Portuguese language. These authors are based on ideas that have been increasingly used in research that concerns the acquisition and organization of mother tongue learning situations.

**Keywords** – Language Education, teaching-learning, Portuguese Language

## **1 Introdução**

A Educação Linguística como tema geral, engloba os saberes pedagógicos e os saberes linguísticos envolvidos no processo educativo, focalizando a diferença entre o saber científico, o saber a ensinar e o saber ensinado. Assim, a EL, como proposta neste trabalho, articula aspectos pedagógicos e aspectos linguísticos. Quanto aos aspectos pedagógicos, apresentamos temas e



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

conceitos desenvolvidos pela Educação Matemática<sup>7</sup>, pois os enfoques dados por essa área de conhecimento contribuem para a divulgação de ideias e particularidades sobre o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que estruturaram um sólido referencial teórico para as pesquisas em Educação Linguística.

São apresentados temas e conceitos tais como transposição didática, contrato didático, noção de obstáculos epistemológicos, noção de situação didática, de registros e representação, a teoria dos campos conceituais e de engenharia didática. Além disso, focalizamos particularidades sobre a EL amparadas em autores como Bechara (2003), Travaglia (2004), Geraldi (2005), Passarelli (2002), entre outros de igual relevo. Esses autores pautam-se em idéias que têm sido cada vez mais utilizadas em pesquisas que dizem respeito à aquisição e à organização em situações de aprendizagem de língua materna.

## **2 O conceito de Educação Linguística**

Segundo Luiz Carlos Travaglia (2004), a EL deve ser entendida como o conjunto de atividades de ensino-aprendizagem formais ou informais que subsidiem ao falante o conhecimento de um maior número de recursos da sua própria língua, para que ele se torne capaz de usar tais recursos de maneira adequada para produzir efeitos e sentidos pretendidos.

Assim, a EL tem o objetivo de desenvolver a competência comunicativa do indivíduo, pois ele poderá ser considerado como um bom usuário do seu idioma se fizer uso da adequação lingüística, desenvolvendo enunciados que serão usados em situações específicas de interação comunicativa a fim de produzir efeitos de sentido entre os interlocutores. Nesse ponto, pode-se afirmar,

---

<sup>7</sup> Educação Matemática termo utilizado na obra Educação Matemática: uma introdução, de Silvia Dias Alcântara Machado et ali.



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

então, que a EL ensina ao falante como utilizar satisfatoriamente os recursos disponíveis na Língua Materna, bem como o instrui a selecionar tais recursos para usos e necessidades específicas no jogo interativo.

Além disso, a EL pode aprimorar as escolhas lexicais, gramaticais e de estilos do falante, apurando a capacidade de distinguir suas construções e usos, no que diz respeito ao estético e ao belo na língua, pois essas escolhas estão intrinsecamente ligadas à adequação que o usuário do idioma faz.

Sabe-se, ainda, que a EL tem início nos primeiros anos de vida do indivíduo, pois ao interagir com a família e com aqueles de sua convivência diária, adquire sua Língua Materna e, ao longo de sua vida aprende normas de comportamento linguístico que dirigem a sua inserção social no grupo com o qual ele melhor se identifica. Para que as pessoas vivam e convivam bem em sociedade, é necessário que a comunicação entre elas seja eficiente. Portanto, como a comunicação é primordial para a vida em sociedade, é fundamental uma EL.

Como proposta escolar, diferentemente desse conhecimento linguístico já dominado por cada falante, a EL à qual nos referimos se define como sistemática e formalizada em práticas pedagógicas bem definidas, ancorada em metodologias e teorias muito bem estruturadas, e visa ao aprimoramento de competências e habilidades para a leitura e para escrita, incluindo também a oralidade.

Além de ser uma concepção sobre o ensino e a aprendizagem da língua materna, a EL caracteriza-se, também, como uma área de pesquisa em desenvolvimento. Sua fundamentação teórica constitui-se sob dois aspectos: o saber pedagógico e o saber linguístico.

Do ponto de vista pedagógico, focaliza conjuntamente conceitos como transposição didática, contrato didático, situações didáticas, a noção de obstáculo epistemológico, registros de representação, a teoria dos campos conceituais e a engenharia didática. Esses são os pilares pedagógicos da EL. O saber linguístico é fundamentado em teorias da Ciência Linguística Cognitivo-Funcional, na Linguística Textual e em trabalhos que privilegiam o discurso e a



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

linguagem como ação. Tais teorias focalizam os recursos necessários para o desenvolvimento da competência comunicativa com toda a complexidade que ela envolve (Palma *et. al*, 2007).

Há que se considerar, para o desenvolvimento da EL, mudanças quanto à concepção de ensino e aprendizagem e quanto ao papel social do professor e do aluno. O aprender, visto como simples transmissão de conhecimento, os quais eram registrados na memória, passa a ser entendido como um processo de construção para a produção de conhecimentos. Assim, o papel do professor é convertido no de orientador do processo de produção de conhecimentos do aluno. Esse, por sua vez, de mero receptor passa também a ser responsável pelos próprios saberes por meio de tais processos de produção, os quais fundamentam a sua formação em toda a sua vida escolar.

É um processo de reinterpretação dos papéis dos envolvidos no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa: o aluno toma a posição de “aprendente”, passando a ser aquele que (re) ativa seus conhecimentos prévios tendo o professor como orientador de novas informações que integrarão saberes já armazenados em sua rede de conhecimentos.

Assim, nesse processo de reinterpretação de atitudes do professor e do aluno, também o objetivo do ensino e da aprendizagem da disciplina Língua Portuguesa deixa de ser focalizado em uma concepção de gramática com ênfase na palavra isolada ou somente no nível frasal, passando a ser centrado no texto. O ensino de Língua visa à comunicação, portanto, a EL deve ser feita numa perspectiva textual, uma vez que nos comunicamos por textos.

Para que o indivíduo possa usar a língua sem sofrer problemas desnecessários, como por exemplo, o preconceito linguístico, é preciso que a EL alerte para a existência das variações linguísticas no que se refere a suas características e ao seu uso adequado. Ela deve mostrar, respaldada em disciplinas especializadas, como as já mencionadas, que toda língua possui seus dialetos e registros e que, para efeito de comunicação entre os falantes dessa língua, essas variedades são igualmente válidas. Todavia, a sociedade estabelece uma espécie de “etiqueta social” para o uso da língua e certas



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

formas linguísticas são mais ou menos valorizadas na sociedade (Travaglia, 2004). Por essa razão, é necessário que o usuário da língua amolde-se à situação linguística na qual está inserido no momento de interação.

Além disso, a EL deve ser responsável pela aquisição da variedade escrita da língua, a qual se diferencia da variedade falada. Desse modo, é preciso mostrar as características que distinguem essas duas modalidades com o intuito de que o usuário adquira o estilo escrito, sem simplesmente, fazer uma transposição do oral para o escrito. Sendo a escrita uma convenção, é necessário que o falante tenha consciência de seu uso, quanto à adequação linguística, pois, em determinada situação, a língua escrita pode ser mais bem empregada em diferentes gêneros textual presentes em nossa sociedade do que a língua falada.

Finalmente, é importante mostrar que, em uma dada variedade da língua, ela, quase sempre, possibilita a escolha entre recursos alternativos, e é preciso estar consciente quanto às instruções de sentido que cada alternativa é capaz de veicular para fazer a escolha que permita constituir o texto mais adequado para a o objetivo em situação de interação comunicativa.

Nesse sentido, a EL tem como objetivo incorporar as variedades linguísticas no processo de ensino-aprendizagem da língua, para que se usem de modo adequado, os recursos (lexicais, gramaticais, estilísticos, etc.) fornecidos pela língua na construção de textos apropriados para um fim comunicativo em uma situação específica de interação comunicativa.

### **3 Como desenvolver a EL**

No Brasil, é possível verificar em dados oficiais a persistência de altos índices de repetência, evasão e baixo rendimento escolar de um enorme contingente de alunos, apesar das inúmeras tentativas governamentais de sanar os problemas escolares. Como exemplos dessas iniciativas, temos o sistema de ciclos, as classes de aceleração, as classes de apoio, as classes de reforço, a



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

correção de ciclo, o sistema de progressão continuada e um grande número de encaminhamentos de alunos para serviços de saúde – psicologia, fonoaudiologia, neurologia, entre outros. Apesar das muitas tentativas governamentais, de forma geral, “os resultados do SAEB<sup>8</sup> mostram que a maioria dos alunos da escola pública não atinge padrões mínimos. Separados por série e matéria, entre 60% e 80% não os atingem” (OLIVEIRA, 2005:60).

Os dados oficiais da educação pública do Brasil, especialmente os do Estado de São Paulo, têm apontado para os altos índices de reprovação e evasão das crianças no período de escolarização.

A busca de explicações para o baixo desempenho escolar dos alunos tem encontrado aporte em diferentes áreas do conhecimento em suas contribuições à educação, como as Ciências Sociais e a Psicologia. Há versões sobre as causas do fracasso escolar a partir dos estudos sobre o desenvolvimento psicológico e os processos de aprendizagem no ser humano, centrados no problema do fracasso escolar como decorrente de distúrbios de desenvolvimento cognitivo e suas repercussões negativas sobre os processos de aprendizagem da criança. (SAWAYA, 2002).

Diante da constatação do baixo desempenho escolar demonstrado pelos alunos de todo o país, apontando para uma “crise do sistema educacional brasileiro”, é importante analisar a prática da EL nas escolas, começando pela sua implantação nas aulas de Língua Portuguesa, o que garantiria um desenvolvimento eficaz dessas aulas.

Ouvem-se muitas críticas a respeito do vocabulário dos jovens ao chegarem à universidade e, normalmente, afirma-se que é um vocabulário pobre. Sendo esse fato verdade, é preciso avaliar-se o que se tem feito a esse respeito, para que os estudantes tenham um vocabulário mais rico e sejam capazes de utilizá-lo para se expressarem com a adequação desejada, ou seja, que sejam capazes de adaptar-se às situações de interação comunicativa.

---

<sup>8</sup> Sistema de Avaliação da Educação Básica.



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

Para solucionar esse problema, o falante deve adquirir os conhecimentos linguísticos necessários a um bom desempenho. Os recursos a serem adquiridos são constituídos de palavras, o que significa que o usuário da língua deva memorizá-las e ter consciência dos sentidos que cada uma delas é capaz de veicular, semioticamente falando, e deve ter o discernimento das unidades culturais que cada palavra evoca quando usada em textos em situações comunicativas específicas.

Para isso, é preciso, pois, conforme Travaglia (2004), fazer exercícios de vocabulário que tratem de fatos como: a) diferentes sentidos de uma mesma palavra; b) sinônimos, discutindo o sentido da palavra, de expressões e a diferenças de sentido entre sinônimos; c) diferentes palavras com o mesmo sentido; d) homônimos; e) parônimos; f) processos de formação de palavras, estudando prefixos, sufixos, radicais e seus sentidos, incluindo, também, a questão dos cognatos. Esses exercícios, sendo bem explorados e cuidadosamente propostos em sala de aula, tomando como base o conhecimento sobre léxico e sua aquisição desenvolvidos pela Linguística e pela Linguística aplicada, evitariam a “tal” pobreza de vocabulário.

A EL, nesse aspecto, proporia que o aprendente refletisse sobre construções, nas quais o sentido de certas palavras não condiz com a informação dada. Travaglia (2004) traz os seguintes exemplos:

- Um repórter ao informar: (1) “Com este tempo seco as pessoas ficam mais **favoráveis** a ter doenças respiratórias”. Enquanto deveria informar: (2) “Com esse tempo a pessoas ficam mais **sujeitas** a ter doenças respiratórias”. O repórter acabou passando a idéia de que as pessoas estavam “a favor” de ter doenças respiratórias como transcrito em (1), quando na verdade, a idéia a ser exposta é a de que devido ao tempo seco o organismo fica mais predisposto a sofrer doenças respiratórias, o que parece ser melhor expresso como em (2).



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

- Um universitário referindo-se a um projeto de iniciação científica pelo qual era responsável utilizou em um relatório: (3) “O projeto está **em fase terminal**”, quando seria mais adequado que tivesse usado: (4) “O projeto está **em fase final**”. Tendo em vista que ‘terminal’ e ‘final’ são sinônimos, o primeiro é mais adequado quando se quer dizer que se está no final da vida, ou prestes a morrer (doente terminal), enquanto o segundo não tem essa especialização de uso e pode ser empregado para indicar a fase em que algo está sendo concluído ou finalizado.
- O publicitário que escreveu em um folheto de hotel o texto: (5) “O hotel **dá** muitas facilidades”. O texto não apresenta problemas quanto ao uso da norma culta e quanto a sua significação, o problema está no verbo ‘dar’ o qual sugere que as facilidades são serviços ou comodidades de que os hóspedes podem desfrutar gratuitamente, quando na verdade o hotel apenas os coloca à disposição dos hóspedes, que, todavia, devem pagar por eles. Portanto, seria melhor utilizar o verbo ‘oferecer’: (6) “O hotel oferece muitas facilidades”. Nesse caso, o uso inadequado em (5) parece propaganda enganosa, podendo gerar conflitos com os clientes e até mesmo processos contra o hotel.

Esses exemplos demonstram como a EL poderia atuar mostrando de que modo cada tipo de recurso da língua e cada recurso em específico funciona para significar nos textos. Por meio da gramática reflexiva, com base no uso, mostraria que determinados problemas de comunicação podem ser evitados. Apontaria também como solucionar as inadequações para que realmente se desenvolvesse a competência comunicativa.

Portanto, a EL não parte somente do trabalho com os tipos de recursos da língua e com os recursos em particular, mas parte também do pressuposto da realização de um trabalho a partir de instruções de sentidos específicas, ou seja, da intencionalidade por parte de quem fala ou escreve. Assim, poder-se-ia



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

trabalhar com os aprendentes, por exemplo, em termos de responder questões que indiquem a relação causa-consequência, o espaço, o tempo e a quantidade da produção do enunciado que se coloca, bem como suas nuanças e particularidades. O trabalho nessa direção permitirá aos aprendentes perceberem que elementos, que às vezes são vistos como totalmente diferentes, têm uma relação se inseridos no texto para expressar uma determinada noção.

Em virtude dos aspectos mencionados, a EL faz-se necessária, como bem evidencia Travaglia (2004:40) ao afirmar que “a língua continua sendo o instrumento básico e fundamental, apesar de todo o avanço tecnológico que tende a multiplicar os meios de comunicação e suas aplicações que, no século XXI, devem avançar para fronteiras inimagináveis”. Se a comunicação é tão importante para a humanidade, a perspectiva que se abre para a escola na entrada de um novo século e de um novo milênio é que o sistema de ensino tornar-se-á mais operacional. No trabalho de otimização do homem para a comunicação permanece ainda, e por muito tempo permanecerá, o caráter central que a língua tem no processo comunicativo.

Para isso, é preciso realizar modificações e enriquecimentos na competência linguística dos aprendentes. Consequentemente, para concretizar tais mudanças é preciso provocar reformas curriculares e didáticas em relação ao ensino e à aprendizagem da Língua Portuguesa. Assim, os conteúdos programáticos devem ser renovados e, também, a forma de se ensiná-los deve ser mais interativa, contrariamente às situações de memorização e fixação de exercícios descontextualizados que tem um fim em si mesmo.

É importante ressaltar que ensinar Língua Portuguesa pressupõe selecionar conteúdos que determinarão o funcionamento do processo didático. Os programas, ao serem selecionados, devem ser apresentados para o aprendente com o objetivo de fazê-lo interagir com novas técnicas de aprendizagem para a língua materna, mas, o mais importante, deve ser o envolvimento do aprendente com essas novas técnicas de aprendizagem que dependerão da situação didática estabelecida com o objetivo de proporcionar a redescoberta do conhecimento. Dessa forma, o aprendente tornar-se-á capaz de



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

pôr em funcionamento, de utilizar e de refletir sobre o saber que está construindo.

### **Considerações Finais**

Assim, diante do exposto, para o aprendizado da língua, não faz sentido pensar em fases, como se o aprendente pudesse aprender primeiro uma estrutura, depois outra, da mais simples à mais complexa. Aprende-se tudo ao mesmo tempo. Dessa forma, a escola deveria seguir no caminho de que a saída é ler muito, aumentar o repertório do aprendente, suas possibilidades de contato com mundos linguísticos os quais ele não conheça, e isso deve ser feito por meio de livros. Em sequência, a escola deveria adotar a gramática descritiva, com a seguinte proposta: diante do domínio linguístico efetivo da língua que o aprendente revela na escrita, ou dos problemas manifestados em sua escrita, deve-se aprender a comparar a sua produção e, depois, propor diversas possibilidades de construção.

A partir das atitudes típicas de quem faz gramática normativa, o trabalho em sala de aula para o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa estaria pautado em escrever e discutir com os aprendentes a adequação de determinadas expressões, e por fim, quais são as maneiras alternativas de dizer “a mesma coisa”. Isso significa dizer que qualquer forma adotada de língua não pode ser condenada, do ponto de vista descritivo, mas elas podem ser ordenadas do ponto de vista de sua aceitabilidade na escrita. Isso exige que essas formas sejam selecionadas ou escolhidas de forma consciente para determinada finalidade, e não sejam apenas um reflexo do conhecimento da língua do aprendiz.

O que o aprendente produz é o reflexo do que ele sabe (gramática internalizada). A comparação sem atribuição de juízo de valor é uma tarefa da gramática descritiva e a explicação da aceitação ou da rejeição social de tais formas é uma tarefa da gramática normativa. As três podem (e devem) conviver



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

na escola. Para que isso ocorra, é preciso superar a visão do ensino da língua como sendo ensino da gramática, e do ensino de gramática como ensino de regras. Acrescente-se a isso algo novo: "ensinar gramática é ensinar a língua em todas as suas variedades de uso, e ensinar regras é ensinar o domínio do uso" (Possenti, p 86).

Devemos ressaltar que o material utilizado para esse fim, considerado prioritário, é a produção linguística do aprendente, ao lado de uma pequena coleção de materiais de leitura. Dessa maneira, objetiva-se que o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa deixem de ser vistos como a transmissão de conteúdos prontos e passe a ser uma tarefa de construção de conhecimentos por parte dos aprendentes, tal como nossa proposta pautada numa perspectiva de EL. Nessa tarefa o professor deixa de ser a única fonte de informação considerada sancionada e motivadora para ter o seu papel transformado em mediador do conhecimento.

## Referências

ALARCÃO, Isabel. (1996a). **Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores**. In: ALARCÃO, Isabel. (org.). *Formação reflexiva de professores - estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora, p.11-39.

\_\_\_\_\_. (2005). **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 4. ed. Série Questões da nossa época. São Paulo: Cortez.

BAGNO, Marcos. (2001). *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola.

\_\_\_\_\_, STUBBS, Michael, GAGNÉ, Gilles. (2002). **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 3 ed.

BECHARA, Evanildo. (2003). **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** – 11. ed. São Paulo: Ática, 2003.



BELTRÃO, Cláudia de Faria. **Ensino de Língua Portuguesa: Por uma Educação Linguística**. São Paulo, 2006 77 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

BUNZEN, Clécio.; MENDONÇA, M. (org.). (2006). **Português no ensino médio e formação do professor**. Série Estratégias de Ensino 2. São Paulo: Parábola Editorial,

FARACO Carlos Alberto, & MANDRYK David. (1988). **Prática de redação para estudantes universitários**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_. (2005). **Área de Linguagem: algumas contribuições para sua organização**. In: KUENZER. Acácia Zeneida. **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 4ª Ed. São Paulo. Cortez.

GERALDI, João Wanderley. (1997). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática.

GERALDI, João Wanderley. (2005). **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação** – 5. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil

KOCH, Ingendore Villaça (2006). **A inter-ação pela linguagem**. 10ª Ed. São Paulo: Contexto

PALMA, Dieli Vesaro, TURAZZA, Jeni Silva, JÚNIOR, José Everaldo Nogueira.(2007) **“A Educação Linguística e desafio na formação de professores”** – São Paulo, SP

POSSENTI, Sírio. (2004). **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 3.ed. São Paulo: Ática.

SAWAYA, Sandra Maria. (2002). **Novas perspectivas sobre o sucesso e o fracasso escolar**. In: ARAÚJO, U. (Coord.) **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Editora Moderna.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2003). **Gramática ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. (2002) **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2004.



**Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON**  
**14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641**

